
A cidade tecida pela cultura; a cultura tecida pela cidade

Reflexões sobre a Interculturalidade

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira



Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Electronic version

URL: <http://pontourbe.revues.org/1806>

DOI: 10.4000/pontourbe.1806

ISSN: 1981-3341

Electronic reference

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, « A cidade tecida pela cultura; a cultura tecida pela cidade », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 Dezembro 2011, consultado o 03 Outubro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/1806> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1806

This text was automatically generated on 3 octobre 2016.

© NAU

A cidade tecida pela cultura; a cultura tecida pela cidade

Reflexões sobre a Interculturalidade

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

- 1 Construir ‘cidades de reconhecimento’ em tempos globais marcados pelos deslocamentos, pela diversidade, pela interculturalidade, pelo confronto advindo da interação entre indivíduos e culturas diversos, pode constituir um dos maiores desafios a ser enfrentado hoje, como sublinha Néstor García Canclini. A diversidade cultural é uma das principais características das cidades contemporâneas e na interação entre sujeitos diversos surgem conflitos, divergências, radicalismos, mas apenas no confronto direto há possibilidade de que sejam resolvidos. A cultura é essa conversa entre partes distintas, num processo de aproximação.
- 2 A circulação de pessoas e de culturas, as migrações, os deslocamentos, os exílios, o acesso facilitado a produtos culturais dos mais diversos, os intercâmbios possibilitados pelas redes e pelas novas tecnologias de informação, são elementos definidores do processo atual de globalização, concretização do novo ciclo de expansão do capitalismo, abrangendo a totalidade do globo de maneira complexa e contraditória. O capital internacionaliza-se de forma intensa definindo um mercado mundial, uma produção multinacional, uma elite dirigente internacionalizada, amparada por organismos multilaterais internacionais, novas tecnologias de informação ligando instantaneamente as regiões do globo, a exploração de mão-de-obra das economias com baixos salários e sem benefícios sociais. O poder crescente das empresas transnacionais se impõe aos estados nacionais, que passam a funcionar cada vez mais como organismos garantidores da liberdade de ação do capital internacional¹.
- 3 A percepção da dimensão global da existência acentua de maneira paradoxal as microlocalidades, a ação em âmbito micro da maneira mais orgânica possível. No emaranhado que caracteriza a cidade, a cultura é tecida, podendo funcionar como exercício de cidadania, autonomia e liberdade, não desprezando seu espaço de divergências e contradições. Annamari Laaksonen sublinha como a cultura pode

desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento econômico local, facilmente verificável, mas, sobretudo, na transformação social e política, ou seja, no desenvolvimento de capacidades e nas diferentes dimensões da existência humana. Em outras palavras, a cultura é central para o desenvolvimento humano. Em sua diversidade dinâmica a cultura amplia a consciência crítica, as possibilidades de escolha e, consequentemente, a liberdade. Tal entendimento está diretamente ligado à conceituação de desenvolvimento proposta pelo economista Amartya Sen que o define como o processo de expansão das liberdades reais de que as pessoas desfrutam para escolher o tipo de vida que desejam levar.

USOS DA CIDADE

- 4 No ecossistema cultural local os sujeitos podem exercer sua ação de forma mais direta, participar, exercer pressão, resolver conflitos, confrontar-se; nessa esfera é possível a conversa entre múltiplos, as experimentações. É lá que a sociedade civil exerce sua força crítica e aponta soluções criativas. A fisionomia da cidade é dada pela dinâmica dos sujeitos que a ocupam. A cidade é plural, coletiva, caleidoscópica, polifônica. O estímulo a uma cidade culturalmente diversa, que permite a criação de espaços confortáveis para a diversidade dos que a habitam a fim de que possam reconhecer-se, a constituição de espaços públicos onde é possível construir o nós comum é um enorme desafio que se coloca na contemporaneidade. Uma outra simbiose íntima entre cultura e cidade precisa ser formulada num processo de reinvenção do cotidiano a fim de encontrar soluções culturais criativas para a vida em comum na cidade, defende Teixeira Coelho.
- 5 Para Richard Sennet precisamos ressuscitar a realidade externa como uma dimensão da experiência humana. A chave para a consolidação de uma cidade da diferença é o contexto, o que pressupõe negociação e equilíbrio, uma criação voltada à sociabilidade que exige a percepção do entorno.
- 6 Questão colocada por Henri Lefebvre em seu já clássico *O direito à cidade*: Por que não opor à cidade eterna as cidades efêmeras e aos centros estáveis as centralidades móveis? Tal direito, segundo defende, não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais, e sim como direito à vida urbana, transformada, renovada: direito à atividade participante e à apropriação da cidade, aos locais de encontro e de troca, aos ritmos de vida e empregos do tempo, enfim, ao uso pleno da cidade. O direito à cidade, expressa uma relação orgânica entre o individual e o coletivo.
- 7 Como pensar tal direito em tempos globais caracterizados pela convergência de processos econômicos, financeiros, comunicacionais e migratórios; pela interdependência entre amplos setores e pelos fluxos supranacionais; pelos intercâmbios e hibridizações? A transnacionalização da economia e da cultura erodiu a noção de identidade nacional como um atributo a priori, imutável e fixo. A noção de identidade foi substituída pela de identificação, constituída nas relações sociais: o indivíduo é plural pela pluralidade de suas relações sociais. Edward Said afirma de maneira enfática sua aversão à noção de identidade rígida, estanque. O que lhe interessa é a identidade múltipla, a polifonia de muitas vozes que se confrontam sem precisar de reconciliação, fazendo apenas o suficiente para manter-se juntas. A ideia de que cada pessoa pertencia a uma nação e que tal traço era suficiente para uni-la aos demais habitantes desse território e relacionar-se com o resto do mundo não faz mais sentido. Para o antropólogo Néstor Canclini,

- 8 A difusão translocal da cultura, e o consequente apagamento dos territórios, vem se acirrando não apenas devido às viagens, aos exílios e às migrações econômicas. Também pelo modo como a reorganização de mercados musicais, televisivos e cinematográficos reestrutura os estilos de vida e desagrega imaginários comuns. [CANCLINI, 2008, p.32]
- 9 As migrações têm propiciado encontros entre sujeitos os mais diversos e feito aflorar as dificuldades inerentes a esse processo. Coloca em xeque a relação entre o sujeito e o que lhe é estranho, tanto para os locais quanto para os de fora; da mesma forma, provoca um novo olhar do migrante sobre sua própria cultura.
- 10 No livro de Arjun Appadurai intitulado *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*, o autor expõe de maneira contundente a exacerbação da incerteza social na atualidade, em que a ansiedade da maioria gera o medo às minorias a partir de motivos culturais. Os argumentos expostos por Appadurai, ele mesmo um migrante indiano, têm por gênese a preocupação com as dimensões culturais da globalização, seus efeitos macroviolentos e de violência cotidiana que conhecemos tão de perto. O conceito de ideocídio, como linha de força a guiar as reflexões expostas no livro, refere-se a um novo fenômeno relativo ao fato de que povos inteiros e seus modos de vida são vistos como perigosos e situados fora da esfera da humanidade: o temor ao pequeno número, ao mais fraco, impõe-se como nova dinâmica. A criação do coletivo – os outros – dá-se a partir de estereótipos e contrastes de identidades que definem os limites do ‘nós’. Por outro lado, formas mais fluidas, celulares e contingentes de expressão e ação, que buscam abrir brechas e espaços, são urdidas nos processos de globalização, aquilo que Appadurai denomina ‘globalização de raiz’.
- 11 Em *Modernidade e Ambivalência*, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman defende a ideia de que a modernidade foi uma luta incessante, dolorosa e implacável contra a ambivalência, na tentativa de dar ao mundo uma estrutura universal de ordem que eliminasse todo o caos, como pura negatividade. Ordem e caos constituem-se em binômio inseparável. O horror à mistura reflete a obsessão de separar [BAUMAN, 1999, p.22]. A intolerância surge como inclinação natural da prática moderna e a eliminação do outro, como seu corolário. Para Bauman, existem amigos e inimigos, mas também existem estranhos, seres indeterminados que trazem à tona a dubiedade de sua posição: amigos ou inimigos? O horror à alteridade e a abominação da ambivalência geraram e continuam a gerar violência, sofrimento e humilhação. A reconciliação da modernidade com a impossibilidade de seu projeto original é o que define a pós-modernidade, segundo defende. A ambivalência deve ser celebrada. Embora mais como potencial do que como realidade, creio eu, a auto-afirmação de diferentes formas de vida perde o caráter de um jogo de eliminação [idem, p.110]. Não basta evitar a humilhação dos outros: é necessário respeitá-los em sua alteridade, no seu direito a ter preferências, na sua estranheza. O direito do Outro à sua estranheza é a única maneira pela qual meu próprio direito pode expressar-se, estabelecer-se e defender-se. É pelo direito do outro que meu direito se coloca [ibidem, p.249].
- 12 A celebração da alteridade, assim como o horror a ela (com o consequente desejo de eliminação do diferente), habitam o mundo atual.
- 13 Voltando à pergunta inicial, como construir cidades de reconhecimento em metrópoles polifônicas marcadas por fluxos migratórios em que culturas se cruzam, interagem, estranham-se, entranham-se, mesclam-se?

CONEXÃO BOLÍVIA – SÃO PAULO

- 14 Praça Kantuta. Situada no bairro do Pari, capital paulista, a praça foi rebatizada com o nome da flor típica do altiplano andino, que carrega as cores da bandeira boliviana: verde, amarela e vermelha. Ao longo dos domingos, a praça dá lugar a uma feira boliviana, recebendo número expressivo de visitantes², em sua maioria migrantes bolivianos, assim como peruanos e brasileiros. Comidas típicas; ingredientes da culinária andina; sucos, refrigerantes (como o Inca Kola) e cerveja Pacea; cabeleireiro ao ar livre; artigos esportivos de times de futebol bolivianos; artesanato; instrumentos musicais; cds recém lançados ou já consagrados; dvds de programas televisivos – comédias e telenovelas – exibidos ininterruptamente nas televisões afixadas nas barracas, além de cartões e celulares para ligações telefônicas, compõem os itens que enchem as oitenta barracas que se enfileiram ao redor da praça, embalada por música boliviana que sai dos alto-falantes distribuídos pelo espaço. Na praça há uma quadra onde são organizados campeonatos de futebol, apresentações de dança e música típicas, além da sede da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento, administradora da feira, que é sustentada pelos próprios feirantes e foi doada pela prefeitura. A estrutura é bastante precária, o que não desanima os frequentadores que têm na feira um espaço fundamental de encontro com conterrâneos, com a culinária e com artigos de seu país, e onde podem acompanhar programas televisivos, o que os liga de maneira afetiva ao seu local de origem. Outra função fundamental do espaço é a acolhida aos recém-chegados que obtêm informações, buscam ajuda e trabalho. Vagas de empregos são oferecidas na feira, sobretudo para mão-de-obra não qualificada. Os aliciadores dessa mão-de-obra quase escrava acorrem à praça semanalmente em busca de trabalhadores para trabalhar em oficinas de costura, situadas no Brás e no Bom Retiro, de propriedade de coreanos, brasileiros e bolivianos (a exploração de mão-de-obra não é inibida por laços nacionais). Os candidatos às vagas também exibem peças manufaturadas, espécie de portfólio que comprova sua aptidão para o trabalho.
- 15 A feira acontecia de maneira informal na Praça Padre Bento (que batizou posteriormente a Associação), também situada no Pari, mas sofria com um movimento intenso de moradores do bairro para tirá-la do local. Provavelmente, mais do que o incômodo pela nova dinâmica imprimida ao espaço público no momento da feira, razão alegada pelos moradores, os protestos reverberavam o incômodo pela presença de pessoas identificadas com a pobreza, com o trabalho ilegal, oriundas de um país identificado com o subdesenvolvimento e com as drogas, com seus rostos escuros, seus cabelos negros, seus olhos puxados e, sobretudo, sua posição vulnerável pela própria clandestinidade que caracteriza parte significativa da comunidade na cidade. Os protestos levaram a Regional da Sé a chamar Carlos Garcia, atual presidente da Associação, para lhe propor a criação de uma associação, de maneira a formalizar e legalizar a feira. Em 2002, a Associação foi fundada e o local alterado para a Praça Kantuta, rebatizada desde então³. A formalização da associação permitiu que novas ações fossem empreendidas, como o oferecimento de aulas de português para os migrantes e a criação de uma brinquedoteca em sua sede, aberta aos filhos de imigrantes e aos moradores do bairro, como forma de construção de um espaço intercultural em que a igualdade entre os sujeitos seja permanentemente sublinhada.

- 16 Carlos Sato, boliviano, e um dos fundadores da Associação, destaca que a feira é um importante espaço de convergência e encontro da comunidade boliviana em São Paulo, mas exerce um papel fundamental na transformação da imagem negativa que os brasileiros têm dos bolivianos:
- 17 Antes éramos traficantes de drogas, hoje somos escravos nas confecções do Bom Retiro.⁴ Ninguém conhece nossa cultura, nem sabe que tem muito médico boliviano, por exemplo, trabalhando em hospitais brasileiros. Estamos sempre trabalhando para os outros⁵.
- 18 A cidade ocupada pela feira dominical alerta permanentemente que há um grupo que se agrega em torno de um 'comum'. Chama a atenção o fato de que na feira não há pessoas vestidas com trajes típicos, a menos que haja apresentações folclóricas. Os sujeitos encontram-se tendo como mote o pertencimento a uma comunidade nacional, mas não precisam ou não desejam marcar tal identidade através da indumentária, o que seria a forma mais fácil de fazê-lo. Um argumento seria o fato de que muitos são indocumentados, apesar de se constituírem em uma minoria. Não parece ser essa a razão. Apesar de que muitos migram para o Brasil em busca de melhores condições de vida e acreditam na situação temporária dessa escolha, acabam por permanecer no país redefinindo seu projeto inicial. A identificação com a nacionalidade boliviana passa a ser mais uma das várias identificações dos sujeitos e não a determinante.
- 19 Stuart Hall sublinha que a identidade cultural na pós-modernidade é uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [HALL, 2006, p.12]. Define-se historicamente, nas relações sociais, não sendo um atributo a priori. Para ele há dentro de nós identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, o que determina o constante deslocamento de nossas identificações. A identidade coerente, unificada, completa e segura é uma fantasia, segundo expõe.
- 20 A globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, contestando e deslocando as identidades centradas de uma cultura nacional e tornando-as mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas. Como efeito, algumas identidades tentam recuperar sua suposta pureza anterior, a Tradição; outras aceitam o fato de que estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença [idem, p.87] gravitando ao redor da Tradução, cujo significado etimológico é transferir, transportar entre fronteiras. Como anota Hall,
- 21 Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas". [ibidem, p.89]
- 22 Um enfoque singularizado da identidade humana, segundo o qual as pessoas só podem ser categorizadas através de um sistema único, abarcador e inevitável, é uma falácia e produz resultados desastrosos, defende Amartya Sen. El modo en que elegimos vernos a nosotros mismos tiene una gran relevancia [SEN, 2008, p.199]. Os seres humanos devem entender-

se como pessoas com muitas filiações e associações, sobre cujas prioridades eles mesmos devem escolher (assumindo a responsabilidade que advém de uma escolha racional). Seres humanos multidimensionais não podem ser convertidos em criaturas unidimensionais.

- 23 Ao refletir sobre a relação entre uma multiplicidade de sujeitos dotados de múltiplas associações e filiações, Sen opera uma distinção interessante entre o multiculturalismo e o 'monoculturalismo plural'. Para ele, a existência de uma diversidade de culturas que tal vez se cruzariam como barcos por la noche [idem, p.208], não significa interação, podendo significar isolamento, o que define como 'monoculturalismo plural'. Em outras palavras, convivência lado a lado sem que haja real encontro não significa enriquecimento da experiência. Um contexto realmente plural pressupõe interação.
- 24 A complexificação das tramas em decorrência dos processos de globalização exige a reflexão a partir de uma posição relacional, nas interseções, interconexões, interações.

INTERCULTURALIDADE

- 25 Para Néstor Canclini, a perspectiva intercultural de compreensão do novo contexto global permite entender as razões dos fracassos políticos e participar da mobilização de recursos interculturais para construir alternativas. De um mundo multicultural, caracterizado pela justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação, passamos a outro intercultural globalizado, que remete à interação e aos intercâmbios. A interculturalidade ampla, própria de um mundo globalizado, é fator constitutivo e decisivo da subjetividade; mais do que nunca é preciso que os sujeitos aprendam a apresentar suas perguntas e demandas nos novos cenários, além de propor alternativas para modificá-los. A cultura é vista, nessa vertente, como constitutiva da vida social e força de mudança, já que opera com a capacidade de lidar com o mundo e, mais do que isso, com a possibilidade de imaginar formas alternativas, o que pressupõe a ampliação do leque de escolhas abertas aos sujeitos. A interculturalidade remete à confrontação, ao entrelaçamento, ao que sucede quando pessoas e grupos entram em relação, o que implica negociação, conflito e trocas recíprocas (passar da aceitação da diferença, da tolerância, para a inter-relação, a efetiva trama).
- 26 De encontros episódicos entre migrantes que iam chegando e deviam adaptar-se, a cidade converteu-se no espaço por excelência onde o prefixo 'inter' ganha expressão, concretiza-se. 'Inter' pressupõe reciprocidade. As relações entre o local, o nacional e o transnacional alteram a articulação dos cenários que davam sentido aos bens e mensagens, destaca Canclini, imprimindo novas dinâmicas às relações interculturais. O desafio está posto. Ao intensificar as interdependências, a globalização exige maior disponibilidade para conviver diariamente com os diferentes e aumenta os riscos – reais e imaginários – de que essas diferenças se tornem conflitivas [CANCLINI, 2004, p.213].
- 27 Talvez uma cidade caleidoscópica e polifônica como São Paulo tenha espaço para o reconhecimento de identidades múltiplas e não monolíticas. O exercício da cidadania passa pelo reconhecimento recíproco, pela afirmação e reconhecimento de grupos que ainda estão à margem, mesmo estando no centro da cidade, buscando oportunidades para trabalhar e viver, conviver. A cidade deve converter-se em arena onde os mais diferentes sentidos que sujeitos e grupos produzem, possam circular e competir em igualdade de

condições, garantindo que a liberdade de escolha pessoal não seja fator de exclusão. É na cidade, como teatro do encontro, que a cultura ao vivo pode ser performada.

BIBLIOGRAPHY

APPADURAI, Arjun. O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: OIC/Iluminuras, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CAMARGO, Beatriz. Kantuta é um pedaço da Bolívia na capital paulistana. Acessível em <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=668>. Acesso em 27/05/2011.

CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad. Madrid: Gedisa, 2004.

CANCLINI, Néstor García. Latino-americanos à procura de um lugar neste século. São Paulo: Iluminuras, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LAAKSONEN, Annmari e PASCUAL I RUIZ, Jordí. Local policies for cultural diversity. Study commissioned by the Division of Cultural Policies and Intercultural Dialogue of UNESCO to the Institute for Culture, Barcelona City Council. 20 September 2006.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia M. B. Corpos indisciplinados: ação cultural em tempos de biopolítica. São Paulo: Beca, 2007.

Revista Observatório Itaú Cultural// OIC – n.5, (abr./jun.2008). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2008.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEN, Amartya. Identidad y Violencia: la ilusión del destino. Buenos Aires: Katz, 2008.

SENNET, Richard. The conscience of the eye: design and social life of the cities. New York: Knopf, 1990.

SILVA, Sidney Antônio. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. Revista de Estudos Avançados. Vol.20. No57. São Paulo. Maio/Agosto 2006. Dossiê Migração.

TEIXEIRA COELHO. A cultura pela cidade. São Paulo: Itaú Cultural/Iluminuras, 2008.

<http://www.overmundo.com.br>

<http://www.blogkantuta.wordpress.com>

NOTES

1. Ver OLIVEIRA, Lúcia M. B. *Corpos indisciplinados: ação cultural em tempos de biopolítica*. SP: Beca, 2007.
 2. A Praça situa-se na Rua Pedro Vicente, 600, Pari, próximo à região central da cidade e acontece aos domingos, das 11h00 às 19h00.
 3. A transferência em julho de 2002, só foi efetivamente formalizada em 2004, na gestão da prefeita Marta Suplicy
 4. Dados do CEM – Centro de Estudos Migratórios, ligado à Pastoral do Imigrante, estimam em 60 mil o número de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, sendo que 25% em situação ilegal. 44% deles são mulheres e 56% homens. Têm entre 18 e 44 anos, a maioria não tem qualificação e é seduzida por promessas de trabalho e melhores condições de vida ainda na Bolívia. São empregados nas oficinas de costura (também na construção civil e em empregos domésticos) em condições de trabalho precárias, produzindo muito por uma baixa remuneração. As condições de trabalho nestas oficinas têm melhorado devido ao aumento da fiscalização. A Pastoral alcançou uma vitória significativa em 1995 quando conseguiu revogar a lei que impedia que crianças indocumentadas frequentassem a escola.
 5. Acessível em <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=668>. Acesso em 27 de maio de 2011.
-

ABSTRACTS

Reflete-se sobre a possibilidade de construção de 'cidades de reconhecimento' em tempos de globalização, marcados pela diversidade, pelos deslocamentos, pelo encontro entre culturas diversas, pela interculturalidade. A Feira Kantuta, na cidade de São Paulo, que reúne a comunidade boliviana, será objeto de reflexão.

Ponders about the possibility of "recognition cities" construction in globalization times, marked by diversity, displacement, meeting of diverse cultures and by interculturality. The "Feira Kantuta" - 'Kantuta Fair' -, at São Paulo, that congregates the bolivian community, will be object of reflection.

INDEX

Keywords: city, cultural identity, interculturality, globalization

Palavras-chave: cidade, identidade cultural, interculturalidade, globalização, feira Kantuta

AUTHOR

LÚCIA MACIEL BARBOSA DE OLIVEIRA

Docente e Pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail:
lumaneo@ajato.com.br